

Narcóticos Anônimos: Um Estudo Sobre Estigma e Ritualidade¹

Jardel Fischer Loeck²

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende apresentar resumidamente meu trabalho final para obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais. Este trabalho constituiu-se em uma pesquisa etnográfica em um grupo de Narcóticos Anônimos da cidade de Londrina, no Paraná, com o objetivo de elucidar alguns aspectos relativos aos processos de estigmatização pelos quais passam, geralmente, usuários de drogas ilícitas. Partindo da noção de estigma desenvolvida por Erving Goffman (1973) e do entendimento de que os consumidores dessas substâncias que têm a sua identidade – enquanto usuários de drogas ilícitas – revelada ao público passam a carregar uma marca deste tipo, procurou-se verificar até que ponto a procura pelos grupos de Narcóticos Anônimos ajudaria ou não na desconstrução desse estigma. Essa hipótese partiu de um conhecimento prévio da forma de atuação desses grupos de ajuda mútua, através da literatura oficial que produzem com o intuito de divulgar os seus preceitos a todos que se interessem em ingressar na (autodenominada) irmandade. Quero dizer que essas leituras sustentaram a possibilidade da problemática levantada, na medida em que a proposta de atuação desses grupos visa igualar todos os membros através do conceito de doença da *adição*, eliminando os julgamentos morais relativos à dependência química.

Para cumprir tais objetivos de pesquisa, a elaboração de uma etnografia das reuniões de pelo menos um exemplar desses grupos se fez necessária, já que os processos de estigmatização acontecem na esfera da interação entre indivíduos. Somente observando como esses indivíduos estigmatizados que buscam uma recuperação agem nesse processo, seria possível elucidar qualquer possibilidade de desconstrução do estigma. Assim, através da

¹ Texto apresentado na sessão de Comunicações Coordenadas da 25ª RBA, realizada em Goiânia – GO de 11 a 14 de junho de 2006.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGRS).

observação participante durante o período de três meses e meio e da elaboração de um caderno de campo, pude reconstruir esquematicamente o andamento das reuniões, demonstrando então sua lógica interna. Essa observação levantou questões que nem tinham sido pensadas anteriormente e que, por fim, se tornaram essenciais na compreensão dos grupos de ajuda mútua como um objeto de pesquisa; por exemplo, a forte presença de características de ritualidade nessas reuniões, isso para não dizer que elas são um ritual em si. Mas por ora basta de explicações, é uma discussão que será retomada mais adiante.

Por uma questão meramente de espaço, a etnografia não poderá ser apresentada aqui de forma integral, como foi no trabalho original. A solução encontrada para este problema – já que a etnografia consiste no cerne do trabalho – é a apresentação de seus aspectos mais importantes articuladamente com a discussão teórica, ou seja, nos momentos em que for solícito, será devidamente utilizado o material etnográfico para exemplificar o que estará sendo colocado.

Desta maneira, o artigo será dividido em duas partes: a primeira delas consistirá na argumentação a respeito da questão primeiramente levantada como hipótese de pesquisa, ou seja, a estigmatização dos usuários de drogas ilícitas e a suposta desconstrução do estigma a partir da participação em um grupo de Narcóticos Anônimos. A teoria da estigmatização será revista e apropriadamente aproximada ao caso dos consumidores de drogas ilícitas para, no instante seguinte, podermos fazer a demonstração empírica da possibilidade de sua dissolução; a segunda parte do artigo irá trazer a argumentação que aproxima as reuniões nesse tipo de grupo de ajuda mútua a um ritual, isso através de literatura específica que demonstra a permanência de rituais nas sociedades moderno-contemporâneas. A possibilidade de demonstração da primeira parte é mais palpável, na medida em que partiu de hipóteses previamente formuladas; a segunda parte se colocará mais em apontamentos do que em conclusões, já que foi uma questão que surgiu durante a realização do trabalho etnográfico.

Este trabalho não deve ser entendido como algo definitivo, e sim como uma primeira aproximação a esses problemas, já que não encontramos muitos trabalhos na área da antropologia sobre os grupos de ajuda mútua;

especificamente sobre os Narcóticos Anônimos, não encontramos nenhum. A limitação do tempo não permitiu um trabalho de campo mais extenso, o que teria sido o ideal para esclarecer melhor as relações que se formam no interior do grupo. A fluidez das relações se deve ao fato de que não há um controle formal da participação dos membros, tanto os novos quanto os mais antigos entram e saem a hora que quiserem. Entendendo as limitações desta pesquisa, creio que no mínimo ela suscita questionamentos a respeito dos temas trabalhados, o que para mim, já é um grande feito.

ESTIGMA E ADICÇÃO

O primeiro passo a ser dado aqui é a caracterização dos usuários de drogas ilícitas como uma categoria passível de estigmatização e em que ocasiões este processo se torna efetivo. Mesmo que os trabalhos de Erving Goffman sejam conhecidos amplamente, não custa fazer uma breve revisão de alguns pontos de sua obra intitulada “Estigma: Notas sobre a Manipulação de Identidade Deteriorada”, com o objetivo de esclarecer como esse conceito é aplicado no presente trabalho, para em seguida podermos utilizar o material etnográfico na argumentação.

Em primeiro lugar, poderíamos fazer uma caracterização de como as drogas, ao menos algumas delas, adquiriram um caráter ilegal ao longo do século XX e de como este fato influenciou negativamente na identidade pública das pessoas que continuaram a usá-las a despeito da proibição. Ao longo das décadas foi se constituindo uma *demonização* dessas drogas e, conseqüentemente, dos seus usuários, ou seja, todos os males sociais associados às drogas ilícitas recaíam sobre os usuários ou sobre as próprias substâncias. Como o espaço é curto para tal digressão, me limito a fazer uma citação e algumas sugestões de textos que tratam desta questão detalhadamente. Segundo Leonardo Mota,

“Via de regra, a *questão das drogas* é colocada para a maioria da população em termos de formulações do tipo: *Toda droga leva à morte, a droga é a principal causa da violência nas grandes cidades, toda pessoa que experimentar uma droga (em geral, ilícita) irá tornar-se um viciado* e assim por diante. Neste sentido, propõe-se um discurso de *demonização* das drogas, centrado predominantemente nas drogas ilícitas, justamente aquelas que representam o menor

contingente de usuários no Brasil (...) Desta forma, concluímos que o termo *droga* implica numa representação moral da substância, sendo esta automaticamente transferida a seus usuários. Essa é uma questão central para se compreender o estigma das drogas: *o status de ilegalidade da substância é projetado na personalidade do usuário*" (MOTA, 2005, p.01, grifo no original).

Outros trabalhos que podem confirmar o que foi colocado acima, são os trabalhos de Gilberto Velho (1998, 1999), de Alba Zaluar (1994), de Gilberta Acselrad (1993, 2000), de Marcos Baptista (2003a, 2003b), entre outros. O interessante para o seguimento do artigo é notar que a categorização do uso de drogas ilícitas como uma ação negativa já foi feita por diversos autores, então aqui será uma consideração dada, um fato.

A respeito da noção de estigma, em primeiro lugar, Goffman faz uma distinção entre *desacreditados* e *desacreditáveis*. A primeira categoria é referente aos indivíduos que possuem alguma característica distintiva já conhecida ou imediatamente evidente; a segunda categoria diz respeito aos indivíduos em que essa característica distintiva não é nem conhecida, nem imediatamente evidente. No nosso caso, quando a identidade de um usuário de drogas ilícitas é conhecida publicamente, ele se encaixa na primeira categoria, de *desacreditado*; quando sua identidade de usuário é preservada, ele é um *desacreditável*.

A grande questão colocada por essas duas categorias analíticas é que quando o indivíduo é *desacreditado*, ele tem que manipular as tensões geradas pelo convívio social a respeito do seu estigma; já o indivíduo *desacreditável* tem que manipular a informação sobre si, se deseja ou não que seu estigma seja de conhecimento público, ou seja, a manipulação da informação pode livrar-lhe da classificação estigmatizadora. Para tanto, Goffman identifica várias táticas de *acobertamento* ou *encobrimento* do estigma, para que o indivíduo *desacreditável* não passe a ser um *desacreditado*. Deve-se levar em conta que mesmo para um indivíduo que possua um estigma não identificável à primeira vista, com o passar do tempo, fica cada vez mais difícil escondê-lo nas relações sociais mais íntimas. Isso quer dizer que um indivíduo passível de estigmatização não conseguiria esconder seu defeito durante todo o tempo, a não ser que deixasse de se relacionar socialmente, inclusive com as pessoas mais íntimas suas. O que estende a questão do estigma, não somente ao

indivíduo estigmatizado em questão, mas também às pessoas que se relacionam com ele. O estigma passa a se constituir em uma relação social, onde o indivíduo recebe tal atribuição negativa como uma resposta social a uma determinada característica particular.

Passando agora para a categoria que interessa ao artigo, os consumidores de drogas, utilizo o exemplo de um autor brasileiro que dialoga abertamente com Goffman, tendo sido inclusive influenciado por ele. Este autor é Gilberto Velho, um estudioso das camadas médias urbanas que trabalhou com grupos de usuários de drogas. Nesta citação ele demonstra com clareza que tipo de restrições sofre um usuário de drogas que tem sua identidade de consumidor revelada ao utilizar o conceito de *categorias de acusação*, neste caso específico, a de *drogado*:

“(...) drogado é uma acusação moral e médica que assume explicitamente uma dimensão política, sendo, portanto, também uma acusação totalizadora. O fato de os acusados serem moralmente nocivos segundo o discurso oficial, pois têm hábitos e costumes desviantes, acaba por transformá-los em ameaça ao status quo, logo em problema político (...) A categoria *drogado* explicita de imediato, a problemática de patologia individual. O *drogado* seria, por definição médica, um doente. A partir daí, constrói-se todo um discurso sobre a *anormalidade* do consumo de drogas e sobre as conseqüências nefastas para o indivíduo e para a sociedade desse hábito, vício, dependência, etc.” (VELHO, 1999, p.60-61, grifo no original).

Espero ter conseguido, até aqui, explicitar como os usuários de drogas ilícitas são passíveis de estigmatização e como eles efetivamente o são estigmatizados, sempre lembrando que isso depende da publicidade de sua identidade de usuário. Se esses exemplos não são suficientes, posso evocar um trecho de partilha de um membro dos Narcóticos Anônimos que aponta no mesmo sentido, resguardando seu nome em respeito ao anonimato do grupo.

“Pô, era difícil de esconder né... Tava sempre louco, sempre buscando mais droga. As pessoas sabiam da minha condição e ficavam falando sobre mim. Não tinha credibilidade nenhuma” (M. S., 7 meses limpo, homem, 45 anos, vendedor).

Agora que esta questão está clara, é necessária a explicitação de como os indivíduos procuram os Narcóticos Anônimos e de como este grupo passa a

interferir em suas vidas, tentando dar um novo universo simbólico de referência no que diz respeito ao trato da dependência química.

Primeiramente, é interessante colocar que não é qualquer usuário de qualquer droga que procuraria um grupo como este para lhe ajudar. Na literatura já citada sobre a questão das drogas, podemos identificar que existem usuários que consomem drogas de diversas maneiras, com diversas frequências, e em diversos contextos. Arrisco aqui uma definição rasa, com propósito puramente analítico, que não leva em consideração as diversas nuances inerentes à questão. Quero ressaltar a evidência de indivíduos que consomem essas substâncias sem maiores problemas – não entro na questão da saúde – sociais, ou seja, através da manipulação de sua identidade (Goffman, 1973), não deixam que o público em geral tenha conhecimento deste fato. Há a evidência também de que alguns usuários adquirem ou desenvolvem a dependência pela substância que consomem, ou seja, suas vidas passam a ser norteadas a partir do consumo de drogas. É um quadro de difícil definição o do vício ou da dependência, mas aqui será considerado que se efetiva na dimensão totalizante que o consumo de drogas passa a ter na vida dos indivíduos.

São esses últimos que acabam por procurar os Narcóticos Anônimos, aqueles para os quais o consumo de drogas já está interferindo nas mais diversas esferas de sua vida – trabalho, família, relações sociais em geral – não apenas pelo estigma, mas por fatores concretos como saúde debilitada, isolamento social, foco apenas no consumo de drogas, etc. Na definição que dei anteriormente, de usuários que consomem sem problemas e usuários dependentes, os primeiros são os *desacreditáveis* da noção de Goffman, porque ainda podem manipular sua identidade; os segundos já não conseguem escapar à noção de *desacreditados*, visto que o consumo de drogas guia suas vidas de forma total.

Sobre a questão da dependência química, dificilmente um indivíduo neste estado consegue voltar a um estado de não-dependência por sua conta própria, fazendo-se necessária uma intervenção, uma ajuda. Geralmente essa ajuda vem no sentido de trazer o indivíduo a seu estado anterior, um estado de suposta *normalidade*, como nas clínicas de desintoxicação ou nas diversas formas de tratamento da dependência química já experimentadas. No grupo

que pude acompanhar, quase todos os indivíduos que acabaram por se tornar membros já haviam passado por alguma outra instituição de recuperação para dependentes químicos, mais especificamente um retiro ou fazenda, onde ficavam isolados do resto da sociedade para o período de desintoxicação. Nesta instituição, eles conheceram os princípios dos Narcóticos Anônimos e começaram a praticá-los, sendo que quando começaram o período de ressocialização, ou de retorno á sociedade, passaram a freqüentar as reuniões deste grupo na cidade de Londrina.

Desta maneira, os Narcóticos Anônimos se colocam como uma proposta paralela, na qual propõem que o indivíduo acometido pela dependência – *adição*, no seu conceito próprio – aceite que possui uma doença incurável e que compartilhe dos pressupostos do grupo e participe das reuniões, a fim de manter um estado de abstinência do uso de qualquer droga. O grupo não enxerga a possibilidade de uma *cura*, apenas o controle da doença, como no caso dos diabéticos.

Os Narcóticos Anônimos consistem em uma irmandade, como já foi dito, que reúne usuários compulsivos de drogas para compartilharem experiências a respeito desse comportamento compulsivo, com o intuito de iniciarem ou manterem-se em estado de abstinência total do uso de drogas. Tal propósito se faz necessário porque o grupo define, de forma substancialista, a *adição* como uma doença incurável, ou seja, uma primeira ou única dose de drogas para um adicto já seria o suficiente para desencadear a compulsão ou a perda de controle do consumo. Trata-se de um dos vários grupos de ajuda mútua que surgem e se proliferam na sociedade moderno-contemporânea. Estes grupos têm uma característica em comum: criam uma identidade entre todos os participantes, aspecto importante dada a carência que se tem, atualmente, de identidades que enraízem o indivíduo. Esse conceito de doença tem um efeito prático para um tipo de sociabilidade que se exerce no grupo.

O que mais me chamou a atenção durante a realização do trabalho de campo foi o fato de que os membros que atingem os maiores períodos de abstinência serem justamente aqueles que participam mais ativamente das atividades propostas pela irmandade; pelo contrário, aqueles que participam com menos afinco são os que mais sofrem recaídas, ou seja, não conseguem se manter em abstinência por longos períodos. Sendo este o propósito principal

para um membro, é interessante notar a eficácia do grupo com aqueles que realmente se deixam envolver por aquele conjunto de pressupostos, passam a ter um novo universo simbólico de referência no que diz respeito ao uso de drogas e, assim, conseguem manter a abstinência.

Um grupo em particular sempre irá contar com pessoas que tenham diversos tempos de abstinência, desde os mais antigos aos recém-chegados. Isso é importante para o funcionamento do grupo porque, como já foi dito, há um processo de identificação entre as pessoas que participam. Desta maneira, os recém-chegados podem observar nos membros mais antigos que é possível também para eles chegar àquele estado de abstinência. Pelo outro lado, os membros mais antigos vislumbram nos recém-chegados ou naqueles que sofrem recaídas, um passado pelo qual eles mesmos já passaram antes de chegar ao estado de abstinência. Os membros mais antigos gostam de ressaltar que a participação nas reuniões é essencial para se atingir o estado de abstinência por longos períodos. Um trecho de fala durante a reunião ilustra esse fato:

“Quando estamos mais confiantes, abstinentes há um bom tempo, é que a recaída está mais próxima. Achamos que por isso o grupo não é mais necessário, que conseguiremos sozinhos nos manter limpos³. Isso é um engano, nesses momentos de auto-confiança elevada é que estamos mais sujeitos a uma recaída. O grupo não pode ser desprezado, deixado apenas para os momentos de necessidade” (A. L. S., 2 anos e 3 meses limpo, homem, 26 anos, mecânico de automóveis).

Isso demonstra o fato de que para a vivência da recuperação nos Narcóticos Anônimos, a participação ativa é importante. Poderia citar inúmeros outros relatos para demonstrar tal fato, mas o espaço me limita a apenas afirmá-lo. A importância de tal afirmação se dá no sentido de que posso concluir que os membros que alcançam os maiores períodos *limpos* nos Narcóticos Anônimos – ao menos no grupo pesquisado – são aqueles que passam a participar ativamente da irmandade. A participação ativa inclui a participação em eventos promovidos pelos Narcóticos Anônimos, participação

³ O termo *limpo* é uma categoria usada dentro dos grupos para designar o período de abstinência do uso de qualquer droga que algum membro tenha alcançado. Quando alguém diz que está *limpo*, isto quer dizer que está sem consumir qualquer droga. O termo aparecerá sempre destacado no texto, por se tratar de uma *categoria nativa*, e sempre com este sentido aqui demonstrado.

voluntária na organização da irmandade, tornar-se padrinho de novos membros, transmitir a mensagem do grupo àqueles que ainda sofrem, ser assíduo nas reuniões do seu grupo, entre outras coisas. Os Narcóticos Anônimos deixam de ser apenas o lugar onde aqueles indivíduos tratam um vício e passa a ser uma parte importante do seu dia-a-dia. A recuperação é uma coisa que se vivencia um dia de cada vez, nos mais variados aspectos da vida cotidiana, não se limitando aos momentos de possível consumo de drogas ou às reuniões.

É difícil falar de forma resumida sobre a totalidade de um grupo que, muitas vezes, não tem seus pressupostos conhecidos pela maioria das pessoas. Não creio que possa dar conta aqui neste espaço de elucidar todo o *modus operandi* de um grupo tão complexo, apenas me limito a ressaltar o que é de interesse para o desenvolvimento do argumento. Assim sendo, volto à questão do estigma, mais especificamente sobre sua implicação sobre membros participantes dos Narcóticos Anônimos.

Diferentemente do que imaginava de antemão, o estigma não é desconstruído a partir da participação em um grupo de Narcóticos Anônimos e, muitas vezes, o conhecimento público da participação no grupo pode funcionar como agente estigmatizador de um membro. Acredito que sua definição de *adição* como uma doença incurável tem um papel chave nesse processo, já que acaba por classificar essas pessoas como doentes incuráveis no que diz respeito à dependência química. Isso quer dizer que mesmo os membros mais antigos e com longos períodos de abstinência não estão livres de uma recaída, esta é sempre uma possibilidade real para todos aqueles que se descuidarem no dia-a-dia. Tal suscetibilidade predispõe uma instabilidade da situação do membro em recuperação, ou seja, como nunca estarão *curados* e com a possibilidade de recaídas sempre presente, os membros continuam a possuir uma identidade frágil e passível de estigmatização. Ao mesmo tempo em que há uma vivência da abstinência por boa parte dos membros, isso se dá à custa de uma identificação como *adicto* ou, em outras palavras, um doente incurável.

O anonimato tem um papel importante no que diz respeito ao estigma, já que preserva os membros participantes de serem conhecidos enquanto tal. Mas o fato concreto é o seguinte: no grupo observado, todos os membros que tinham uma participação ativa na irmandade, acabavam por deixar

transparecer sua participação às pessoas que o cercavam em sua vida cotidiana. O anonimato pode ser efetivo no que diz respeito ao grande número de pessoas que convivem com o membro sem muita intimidade, mas no que diz respeito às pessoas que têm um contato diário com ele, dificilmente consegue-se preservar o anonimato.

Tais fatos me levam a concluir que há uma certa ambigüidade na ação deste tipo de grupos. Por mais pragmáticos e efetivos que sejam em sua proposta, já que têm uma eficácia relativamente positiva – em vista da expansão vertiginosa que o grupo teve em 60 anos –, esses grupos não entram em questões que seriam essenciais no sentido de esclarecer a situação de um usuário de drogas. Centrados em si mesmos e nos seus propósitos, usando definições próprias – como a *adicção* – e sem a ajuda de profissionais, eles são efetivos no que se propõem, mas apenas direcionam os membros na busca por abstinência, sem um debate sobre as conseqüências deste fim. Não queria tocar no assunto de uma substituição da droga pelo grupo, mas no fim das contas não deixa de ser algo como um esforço de *condicionamento de comportamento*, onde o antigo usuário dará novas significações aos momentos em que seria impulsionado ao consumo de drogas. Não esgotarei o assunto aqui, sendo que no próximo tópico do artigo procurarei trazer a discussão sobre a ritualidade das reuniões e de como estas funcionam como o principal artifício do grupo.

AS REUNIÕES COMO UM ESPAÇO DE RITUALIZAÇÃO

Como já foi demonstrado anteriormente, o programa de Narcóticos Anônimos usa um conceito de doença da *adicção* que, segundo eles, é muito simples, baseado na experiência, e não qualifica seu uso do termo *doença* em qualquer outro sentido médico ou terapêutico especializado. É uma definição pragmática que guia o grupo e não questiona causas ou determinações, ela simplesmente existe. Também não faz qualquer tentativa de persuadir outros de que a sua visão é correta. O que importa é que a aceitação da *adicção* como doença é algo eficaz para ajudá-los. Os Narcóticos Anônimos encorajam seus membros a se manterem abstinentes do uso de qualquer droga, inclusive o álcool, ou mesmo outras substâncias que não eram de preferência daquela

pessoa. O lema da irmandade, *Só por hoje*, incentiva os membros a conquistarem a abstinência e a sobriedade a cada dia, ou seja, para eles, vivendo um dia *limpo* de cada vez, os objetivos se tornam mais realistas e alcançáveis.

A afiliação à irmandade de Narcóticos Anônimos é aberta a qualquer pessoa que admita o problema com drogas, independente do tipo ou combinação de drogas usadas. A afiliação se dá através do ingresso em um grupo específico de NA. Não existem quaisquer restrições, sejam elas sociais, religiosas, econômicas, raciais, étnicas, de nacionalidade, gênero ou status social. Não existem arquivos sobre a frequência, nem listas de membros. Os membros vivem em suas comunidades e freqüentam as reuniões quando lhes convém.

Há a garantia do anonimato entre eles e uma irrelevância no conhecimento das causas que teriam produzido a dependência. Portanto, não há qualquer julgamento ou conjecturas. O pragmatismo da ação do grupo se restringe na aposta do poder de cada um em buscar através da ação e de uma fé incondicional, a sua recuperação. Não existem taxas para afiliação, sendo que a maioria dos membros contribui regularmente com pequenas somas que ajudam a cobrir as despesas dos grupos, mas nunca de forma obrigatória. A base do programa de recuperação de Narcóticos Anônimos está organizada em uma série de atividades pessoais conhecida como Doze Passos, adaptados dos Alcoólicos Anônimos. Estes passos incluem a admissão de que existe um problema, a busca de ajuda, auto-avaliação, partilha em nível confidencial, reparar danos causados e trabalhar com outros adictos a drogas que queiram se recuperar.

Algo de crucial importância no programa é a ênfase no que é chamado *despertar espiritual*, ressaltando o seu valor prático e não sua importância filosófica ou metafísica. Não se trata de um programa religioso no sentido de seguir uma religião específica, mas incentiva-se cada membro a cultivar um entendimento pessoal, religioso ou não, deste *despertar espiritual*. Embora haja muitas referências à crença em Deus⁴ e à fé na recuperação, a irmandade

⁴ *Poder Superior* é a definição própria do grupo a um poder espiritual, o que reforça a idéia de que é preciso ter fé na capacidade de recuperação de cada um. Cada membro deve admitir sua doença – adicção – e aceitar que existe um poder maior que ele pronto a ajudá-lo na

acredita que uma das chaves do seu sucesso seja o valor terapêutico de adictos trabalhando com outros adictos. O principal serviço oferecido por Narcóticos Anônimos é a reunião em um grupo de NA. Nas reuniões, cada membro partilha experiências pessoais com os outros buscando ajuda, simplesmente como pessoas que tiveram problemas similares e encontraram ou estão tentando encontrar uma solução. Cada grupo administra a si próprio, tendo como base princípios comuns a toda a organização, contidos na literatura de NA. Assim como a liberdade do indivíduo vem dos 12 Passos, a liberdade coletiva e a coesão dos grupos têm origem nas 12 Tradições dos Narcóticos Anônimos.

Vimos acima que o principal serviço oferecido pela irmandade são as reuniões em um grupo específico de Narcóticos Anônimos. Essas reuniões são o espaço onde os membros em recuperação se encontram para compartilhar a leitura das literaturas produzidas pela irmandade, e também para partilhar seus anseios, inquietações, dificuldades e acertos no processo de recuperação. Assim sendo, foi o que procurei acompanhar no trabalho de campo, ou seja, como que ocorrem essas reuniões. Dos três grupos que existem em Londrina, escolhi apenas um deles para a realização da etnografia, em parte pela localização acessível, em parte para poder acompanhar profundamente *um* exemplo de grupo dessa organização que diz se reproduzir igualmente em qualquer lugar do mundo, fato que somente pesquisas de campo em lugares variados provariam ou desmentiriam. Ressalto que privilegiei o estudo aprofundado de apenas *um* exemplo para apreender melhor o funcionamento geral das reuniões, já que seria assim mais fácil de apreender as relações construídas no interior de um grupo que pode se mostrar muito volátil em termos da frequência dos membros. Sem contar que é muito recorrente encontrar pessoas novas a cada semana, que podem ou não continuar a frequentar o grupo.

Em um primeiro momento é interessante notar que há, no mínimo, três tipos de reuniões em grupos de Narcóticos Anônimos: as *reuniões fechadas*, nas quais participam apenas membros ou candidatos a membro da irmandade; as *reuniões abertas*, nas quais participam membros e qualquer pessoa

superação da mesma. Da mesma forma que a *adicação* é algo maior, mais forte que o *adicto*, apenas um poder maior que ele pode contrapor-se à doença.

interessada no grupo, como parentes de membros, curiosos, estudiosos, a comunidade em geral; e as *reuniões administrativas ou de serviço*, onde são definidos os assuntos concernentes à organização do grupo, como eleição de novos servidores para o trabalho em prol do grupo, programação de eventos específicos, prestação de contas, entre outros.

Na posição de pesquisador eu poderia apenas participar das reuniões abertas, que ocorrem apenas uma vez por mês, o que dificultaria o trabalho de apreensão de dados. Mas pude negociar com os membros a minha participação nas reuniões fechadas, que ocorrem duas vezes por semana nesse grupo. Esse ponto é interessante porque justamente nas reuniões fechadas há um maior sentimento de identificação entre os presentes, que são apenas os membros, sem pessoas de fora. As partilhas se mostram mais sinceras ou sem medo de chocar os outros presentes nesse tipo de reunião fechada. Em outras palavras, nas reuniões abertas o clima é mais ameno devido à presença de estranhos, muitas vezes crianças. Estas reuniões funcionam mais como um diálogo com a comunidade, em que os Narcóticos Anônimos de forma geral se apresentam, em que pessoas que não conhecem o trabalho da irmandade vão lá para conhecer. De uma forma geral, a estrutura ou os passos seguidos durante uma reunião aberta e uma fechada são os mesmos, a diferença está no público participante e no caráter mais ritualístico das últimas.

Quando apontei anteriormente uma possível ritualidade nas reuniões de Narcóticos Anônimos, essa diz respeito às reuniões fechadas, onde apenas membros estão compartilhando suas experiências sobre adicção e busca de abstinência. Não apenas as reuniões obedecem a uma ritualidade, como todo o processo de recuperação parece apontar no sentido de uma busca através de ritos, não de uma cura, mas da abstinência. Tentarei a seguir, da forma mais resumida possível, fazer uma descrição dos momentos estruturais a essas reuniões fechadas, ou seja, demonstrar quais são os elementos recorrentes que permitem a aproximação com o ritual, apontando também para os momentos em que as particularidades dos membros e do grupo podem vir à tona.

Mesmo se tratando de uma organização onde não há uma hierarquia pré-definida de funções ou cargos, os membros mais antigos acabam assumindo

um papel de frente nos grupos específicos. Em primeiro lugar, por já estarem participando e vivenciando aquele ambiente há mais tempo; em segundo lugar, por estarem mais familiarizados com a literatura produzida pela irmandade, que dá a base teórica de como as coisas devem acontecer durante a recuperação. Durante as reuniões, existem três funções que devem ser exercidas por um desses membros que já tenham uma certa familiaridade com todo o processo das reuniões e com a literatura em geral, que são as funções de *tesoureiro*, *secretário* e *coordenador*. Pode presenciar reuniões em que um só membro exercia as três funções.

Este fato é importante porque remete à questão de que nem todos os presentes nas reuniões têm um conhecimento do funcionamento das mesmas. Como já foi dito anteriormente, há sempre um misto de membros antigos e novos, sendo que estes, a partir do momento em que ingressam em um grupo, procurarão incorporar e apreender todo um universo simbólico utilizado durante o processo de recuperação e durante as reuniões. Daí a necessidade de alguém com mais conhecimento para coordenar e guiar as reuniões, lembrando sempre que o exercer dessas funções não muda o status do membro dentro da irmandade; a rigor todos são iguais e sempre estarão lá enquanto *adictos* em recuperação.

Martine Segalen, que faz uma revisão da literatura sobre rituais para afirmar sua permanência nas sociedades contemporâneas, afirma o seguinte:

“O rito ou ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagem e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo (...) Enquanto conjuntos fortemente institucionalizados ou efervescentes – quer regulem situações de adesão comum de valores, quer funcionem como reguladores de conflitos interpessoais –, os ritos devem ser considerados sempre como um conjunto de condutas individuais ou coletivas relativamente codificadas, com suporte corporal (verbal, gestual e de postura), caráter repetitivo e forte carga simbólica para atores e testemunhas (...) Finalmente, o ritual se reconhece como fruto de uma aprendizagem, implicando por conseguinte a continuidade das gerações, dos grupos etários ou dos grupos sociais dentro dos quais ele se produz” (SEGALEN, 2002, p.31-32).

Aqui já podemos fazer uma primeira aproximação das reuniões enquanto um ritual, já que nelas está em jogo um universo particular de símbolos que são

utilizados dentro daquele contexto específico e que são transmitidos dos mais velhos aos mais novos. Dificilmente alguém que nunca tenha participado das reuniões em um grupo deste tipo poderá compartilhar do entendimento das noções e símbolos utilizados; há a necessidade de um aprendiz. Já tendo descrito a necessidade de um membro mais antigo para coordenar as reuniões, posso começar a falar sobre como estas ocorrem, qual a sucessão de fatos que remete a uma suposta ritualidade, levando em conta a definição dada acima.

O coordenador das reuniões geralmente chega antes de todos, poucos minutos antes do começo da reunião, para começar a organizar o espaço utilizado. Como já foi anteriormente comentado, essa função – como todas as outras – é exercida por algum voluntário previamente selecionado. Não há maiores problemas na mudança constante de coordenador porque este sempre seguirá de uma cartilha os passos das reuniões. Um livro que contém todas as falas prescritas que devem ser enunciadas durante as reuniões e que projeta a seqüência do ritual sempre numa mesma direção, sempre com a mesma sucessão de fatos.

As primeiras palavras proferidas dizem respeito aos propósitos do grupo e pequenas orientações para eventuais pessoas que estejam participando pela primeira vez de uma reunião. Depois da leitura desta apresentação, é solicitado para que os presentes se apresentem. A apresentação, ou qualquer fala proferida por alguém durante as reuniões começa da seguinte maneira (utilizo aqui um exemplo aleatório): “meu nome é João, sou mais um adicto em recuperação, estou há 1 ano, 2 meses e 13 dias limpo, mas o que importa é que só por hoje eu não usei nenhuma droga”. É de praxe os membros iniciarem qualquer fala durante o andamento das reuniões desta maneira.

Após essa rodada de apresentações, onde cada um diz seu nome e o tempo que permanece limpo, o coordenador chama todos para fazerem uma oração, no caso, a *Oração da Serenidade*. Todos vão ao centro da sala, formam um círculo de mãos dadas e proferem em voz alta a *Oração da Serenidade* que diz o seguinte: “Senhor, concedei-me a serenidade, para aceitar as coisas que não posso modificar, coragem para modificar aquelas que posso, e sabedoria para perceber a diferença. Só por hoje, funciona!”.

Terminada a oração, todos voltam aos seus lugares e a reunião tem sua continuidade.

Na continuidade da reunião, é pedido a algum dos membros presentes que faça a leitura da reflexão diária contida no livro intitulado “Só por hoje – Meditações diárias para adictos em recuperação”. Em seguida, o coordenador pede que o grupo – na opinião pessoal de cada membro – escolha uma das literaturas de IP (Informação ao Público) para ser lida por todos. Essas literaturas encontram-se em forma de pequenos folhetos temáticos facilmente adquiríveis por qualquer interessado. Após a escolha do folheto, começa-se a leitura do mesmo, sendo que este passa de mão em mão pelas pessoas presentes na sala, cada uma delas lendo um pequeno trecho do texto.

O começo da reunião, onde são feitas as leituras, funciona como uma forma de apresentação de alguns pressupostos às pessoas que ainda não tem um conhecimento amplo do funcionamento do grupo e, também, como reforço de alguns pontos essenciais aos membros mais antigos. O próximo passo do andamento da reunião é quando o coordenador declara aberto o espaço do grupo para as partilhas individuais.

O momento das partilhas constitui-se no principal momento das reuniões. É quando os membros trocam experiências a respeito dos mais variados assuntos do seu dia-a-dia, sobre sua recuperação, sobre o que os estiver afligindo. Não existe uma ordem, nem uma obrigatoriedade de partilhar. Simplesmente quem estiver com necessidade ou vontade de fazê-lo, deve começar a falar, enquanto os outros ouvem. A pessoa que vai partilhar se apresenta em primeiro lugar, dizendo seu nome e tempo em que está limpo, sendo saudada por todos em seguida e, então, começa a dar seu depoimento. O silêncio na sala quando alguém está partilhando é recorrente; algumas poucas vezes alguém manifesta apenas uma palavra de apoio durante uma partilha, solidarizando-se com frases do tipo “estamos juntos companheiro”, “continue voltando que funciona”, mas nada que passe disso e que, eventualmente, viesse a interromper o depoimento daquele companheiro. Como já foi ressaltado, não há ordem para as partilhas e mesmo quem já tenha partilhado, pode voltar a fazê-lo se outros não se dispuserem a aproveitar o tempo reservado a isso. O conteúdo das partilhas é individual, cada membro fala sobre o que quiser, mas pode-se dizer que possuem características

recorrentes. São geralmente partilhas de agradecimento à irmandade, às pessoas que estão ajudando aquele membro na recuperação; ou são desabafos, coisas que aconteceram recentemente e que vêm incomodando, fatos que, segundo eles, não fosse a participação no grupo, os levariam a consumir drogas outra vez. Trata-se de um *ouvir e ser ouvido*, onde a palavra de qualquer membro presente tem o mesmo valor, em que a experiência pessoal fala mais alto, em que o vislumbre no outro de um passado terrível e de um futuro possivelmente melhor, é a tônica da dinâmica de recuperação e manutenção de abstinência.

Depois deste primeiro momento de partilhas, atenta-se para a 7ª Tradição de Narcóticos Anônimos que diz o seguinte: “Todo grupo de NA deverá ser totalmente auto-sustentável, recusando contribuições de fora”. O que quer dizer que a entidade é mantida somente pelos membros. Ninguém ou nenhuma outra instituição que não seja membro da irmandade de NA tem permissão para fazer qualquer doação, nem mesmo pessoas que estejam no grupo pela primeira vez são permitidas a fazê-lo. O arrecadamento desses fundos se dá somente durante as reuniões. O coordenador lê um trecho da cartilha ressaltando estes pontos e passa um saco azul onde cada membro presente coloca – se assim quiser fazê-lo – sua contribuição. Em seguida, o mesmo coordenador convoca todos para fazer um intervalo na reunião mas, antes de sair da sala, todos se abraçam, um por um até que todos tenham abraçado todos. Neste momento são ditas também palavras de incentivo como “estamos juntos companheiro”, “que bom que você veio”, “continue voltando porque funciona”, depende do grau de proximidade entre as pessoas presentes no momento.

Voltando do intervalo, o espaço é novamente aberto para as partilhas, sendo que agora o tempo total é menor que no começo. Terminado esse tempo, o coordenador aponta para a reflexão sobre a 3ª Tradição do grupo, que diz o seguinte: “O único requisito para ser membro é o desejo de parar de usar”. Nesta hora é aberta a possibilidade para quem ainda não é membro ingressar na irmandade. Se houver alguém interessado, deve levantar a mão para, na seqüência, escolher algum membro presente para ser seu padrinho e

entregar-lhe sua *ficha*⁵ de ingresso. É neste momento também que os membros mais antigos podem fazer as suas trocas de *ficha*, que representam seu tempo acumulado de abstinência.

O seguimento da reunião se dá, justamente, com a leitura da 12ª Tradição de Narcóticos Anônimos que diz o seguinte: “O anonimato é o alicerce espiritual de todas as nossas Tradições, lembrando-nos sempre de colocar princípios acima de personalidades”. Esta tradição procura através do anonimato e assim como o conceito pragmático de doença, igualar todos os seus membros, recusando qualquer hierarquização. Após a reflexão sobre a 12ª Tradição, a reunião encaminha-se para o seu fim. O coordenador lê alguns escritos de encerramento e passa a palavra ao secretário. Este faz a leitura da ata da reunião, informando quantos membros participaram, quantas partilhas foram feitas, quantos ingressos e quantas trocas de ficha ocorreram naquele dia, quanto foi arrecadado com a 7ª Tradição e, se for necessário, faz alguns avisos sobre eventos ou reuniões administrativas. Todos são convidados ao centro da sala onde, novamente, será feita a *Oração da Serenidade*. Tudo culmina numa salva de palmas e em seguida na troca de abraços entre todos os presentes. Em seguida, a maioria ajuda os encarregados a deixar a sala em ordem, guardar todo o material utilizado e vão, aos poucos, se despedindo e indo embora.

Feita a descrição, espero que tenha ficado clara a aproximação das reuniões com um ritual. Se pensarmos na definição dada por Segalen mais acima, estas reuniões possuem uma linguagem própria, comportamentos e falas prescritos, caráter repetitivo e transmitem um saber acumulado, ou seja, há uma série de coisas que só fazem sentido dentro daquele contexto específico do grupo. Como a própria autora ressalta, “para que exista o rito é preciso que exista um certo numero de operações, gestos, palavras e objetos, que exista a crença numa espécie de transcendência” (SEGALEN, 2002, p.33). Esses são aspectos facilmente identificáveis nas reuniões de Narcóticos Anônimos, principalmente se levarmos em conta a importância que o *Poder*

⁵ Essas fichas são, na verdade, chaveiros com o símbolo da irmandade. Eles representam simbolicamente – como a irmandade faz questão de ressaltar – o tempo limpo de cada adicto em recuperação. O primeiro (de cor branca) é recebido ao ingressar oficialmente no grupo. Na seqüência da manutenção da abstinência, se recebem mais fichas de outras cores. Seguem a seqüência de 30, 60, 90 dias, 6 meses, 9 meses, 1 ano, 1 ano e 6 meses, e 2 anos ou mais. Em cada período desses completado em abstinência, o membro recebe um novo chaveiro.

Superior assume dentro de todo o processo, aliando todas as questões materiais (gestos, palavras, objetos) à transcendental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas até aqui são resultado de um trabalho de campo curto (3 meses e meio) e remetem mais a apontamentos para futuras pesquisas do que em resultados pontuais. Como pode-se perceber, é difícil dar conta em um espaço tão curto, de um universo simbólico tão particular e rico quanto o do grupo estudado. As temáticas escolhidas para o desenvolvimento do trabalho – estigma e ritos – ajudaram a identificar aspectos importantes deste tipo de grupos de ajuda mútua, mas não esgotaram sua riqueza simbólica e significativa. O problema da dependência química é um assunto recorrente nas mais diversas esferas da sociedade e os Narcóticos Anônimos se colocam como uma alternativa pragmática e eficaz no que diz respeito ao controle da dependência, mas temo que devemos levar em consideração as implicações de sua proposta.

Já que foi procurado ressaltar o aspecto ritual das reuniões, poderíamos ampliar o alcance do ritual a todo o processo de recuperação. Se pensarmos no trabalho clássico de Arnold Van Gennep (1978) sobre os ritos de passagem, há a possibilidade da analogia com o processo de *adoecimento* do dependente químico e a sua posterior recuperação. Mas nos Narcóticos Anônimos (que compreenderiam a fase liminar do ritual) não há exatamente a passagem para um outro estado (neste caso, o de cura). Isso devido ao seu conceito de *adicção* como uma doença incurável, ou seja, o indivíduo não consegue fazer a passagem, estará permanentemente em estado liminar. O que dá margem para uma aproximação com a obra de Victor Turner (1974) na qual ele identifica a formação de *communitas* ou anti-estruturas, que seriam a permanência da liminaridade durante o processo ritual. Mas essas são apenas suposições, que apenas um novo e detalhado estudo podem responder.

Fato é que este estudo abriu o caminho para a realização de um trabalho mais aprofundado focalizando os grupos de Narcóticos Anônimos. Mais que respostas, ele trouxe novos problemas que só irão enriquecer a abordagem já tentada aqui. Espero ter contribuído para o entendimento do papel deste tipo

de grupos de ajuda mútua nas sociedades contemporâneas e mostrado que, apesar de sua eficácia, sua abordagem pode se mostrar problemática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Gilberta. *Avessos do Prazer. Drogas, AIDS e Direitos Humanos*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2000.

ACSELRAD, Gilberta e INEM, Clara Lúcia (org.). *Drogas: Uma Visão Contemporânea*. Rio de Janeiro, Imago/CONFEN, 1993.

BAPTISTA, Marcos; CRUZ, Marcelo Santos; MATIAS, Regina (orgs.). *Drogas e Pós-Modernidade v.1: prazer, sofrimento e tabu*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2003a.

BAPTISTA, Marcos; CRUZ, Marcelo Santos; MATIAS, Regina (orgs.). *Drogas e Pós-Modernidade v.2: faces de um tema proscrito*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2003b.

GOFFMAN, Erving. *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975 [1963].

MOTA, Leonardo de Araújo. *Drogas e Estigmas*. Fortaleza, 2005. Disponível em: <www.neip.info/textos_afins>. Acesso em 15 de maio de 2006.

SEGALEN, Martine. *Ritos e Rituais Contemporâneos*. Rio de Janeiro, FGV, 2002.

TURNER, Victor W. *O Processo Ritual*. Rio de Janeiro, Vozes, 1974.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.

_____. *Nobres e Anjos: Um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro, FGV, 1998 [1975].

VAN GENNEP, Arnold. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis, Vozes, 1978 [1909].

ZALUAR, Alba (org.). *Drogas e Cidadania. Repressão ou Redução de Riscos*. Brasília, Brasiliense, 1994.

Literatura oficial dos Narcóticos Anônimos. Disponível em: <www.na.org.br>. Acesso em 15 de maio de 2006.